

ANÁLISE COMPARATIVA DOS POEMAS *SER MULHER, SEM QUE SE DIGA, EU SOU UMA MULHER E CASAMENTO*: UMA VISÃO DO FEMINISMO

ARAÚJO, Larissa Cordeiro

Universidade Federal de Campina Grande

lariissac@gmail.com

Mayara Carvalho Peixoto

Universidade Federal de Campina Grande

mayaracarvalho-@hotmail.com

Saionara Ferreira Alves

Universidade Federal de Campina Grande

Saionara.ferreiraalves@hotmail.com

José Mário da Silva Branco (Orientador)

Universidade Federal de Campina Grande

Zemario6@gmail.com

RESUMO:

A crítica feminista desenvolveu-se, mais precisamente, na segunda metade do século XX. Desde a sua origem, em 1970, com a publicação de *Sexual Politics* de Kate Millet, a crítica literária tem assumido o papel de questionadora da prática acadêmica patriarcal. Tendo em vista este panorama, buscaremos neste trabalho sintetizar os principais pontos discutidos por Osana Zolin (2009) em sua obra *Crítica Feminista*, bem como algumas ideias defendidas por Nely Novaes Coelho (1993) na introdução de seu livro *A literatura feminina no Brasil*, ainda pretendemos também apresentar uma análise de poemas de algumas autoras femininas como: Alice Ruiz (*Drumundana*), Gilka Machado (*Ser mulher*), Marina Colassanti (*Sem que se diga* e *Eu sou uma mulher*) e Adélia Prado (*Casamento*). Ao término de tais análises, foi possível percebermos que a *Crítica Feminista* é fundamental para o estudo literário, pois propõe uma nova leitura de obras literárias, independentemente da autoria, considerando o ponto de vista feminino. Essas novas leituras podem contribuir, de maneira significativa, para a escrita de uma nova história da literatura, utilizando como signo maior os estudos de gênero.

Palavras-chave: Feminismo, Crítica Literária, Poemas Feministas.

INTRODUÇÃO

A crítica feminista desenvolveu-se, mais precisamente, na segunda metade do século XX. Desde a sua origem em 1970 com a publicação de *Sexual Politics* de Kate Millet, a crítica literária tem assumido o papel de questionadora da prática acadêmica patriarcal. Há nesta, de modo geral, duas tendências contemporâneas: a anglo-americana e a francesa, a primeira visa ao resgate de obras escritas por mulheres, que se desenvolve a partir de dois tipos de críticas sistematizadas por Showalter (1985): crítica feminista e ginocrítica; a outra tem por meta fazer uma releitura de obras literárias, a partir de uma abordagem psicanalítica, buscando uma desconstrução em relação à oposição homem/mulher.

A crítica feminista também busca um modo de ler a literatura voltada para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas pela cultura com o passar dos tempos.

Tendo em vista o panorama da crítica literária feminista, desde suas origens até a contemporaneidade, feito no trabalho anterior, além da síntese dos principais pontos discutidos por Lúcia Osana Zolin (2009) em sua obra *Crítica Feminista*, bem como algumas ideias defendidas por Nely Novaes Coelho na introdução de seu livro *A literatura feminina no Brasil*, pretende-se apresentar neste trabalho uma análise de poemas de algumas autoras femininas como: Alice Ruiz, Gilka Machado, Marina Colassanti e Adélia Prado.

Sabemos que ainda existe a ideia de que a mulher é dominada pelo homem, e hoje ela é mantida disfarçadamente na reprodução de certos estereótipos. Na literatura, essas imagens também tendem a se repetir. Aos homens eram dedicadas as principais personagens, as discussões, aventuras e reflexões. A mulher é sempre vista como a megera, a traidora ou aquela que deve ser uma serva de seu marido.

Sendo assim, iremos analisar os poemas *Sem que se diga*, *Eu sou uma mulher*, *Drumundana*, *Ser mulher* e *Casamento* das autoras supracitadas, com o objetivo de verificar como são abordadas essas representações e como se dá a relação homem/mulher nos poemas.

ANÁLISE

Sem que se diga

*Sísifo empurrava sua pedra
Morro acima. E chegando no alto*

*A pedra rolava, a pedra
Rolava.
Semelhante é o destino das mulheres.
Sem que se diga “maldição”
Refazem camas.*

(Marina Colasanti. In: Rota de colisão, 1993)

"*Sem que se diga*", é um poema da autora Marina Colasanti, publicado no livro *Rota de Colisão* (1993). Ela nasceu em Asmara, Etiópia, morou 11 anos na Itália e desde então vive no Brasil. Publicou vários livros de contos, crônicas, poemas e histórias infantis. Recebeu o Prêmio Jabuti com *Eu sei, mas não devia* e também por *Rota de Colisão*. Dentre outros escreveu *E por falar em Amor*; *Contos de Amor Rasgados*; *Aqui entre nós*, *Intimidade Pública*, *Eu Sozinha*, *Zoológico*, *A Morada do Ser*, *A nova Mulher*, *Mulher daqui pra Frente* e *O leopardo é um animal delicado*. Escreve, também, para revistas femininas e constantemente é convidada para cursos e palestras em todo o Brasil, tem a característica de escrever sempre com a temática feminina e é casada com o escritor e poeta Affonso Romano de Sant'Anna.

Analisando este poema, vemos que há uma referência à mitologia grega: Sísifo é um personagem que desafiou os deuses e recebeu como castigo a tarefa de empurrar uma pedra até o alto de um morro, mas sempre que ele chegava ao topo a pedra rolava morro abaixo e ele passou o resto da vida condenado a repetir essa tarefa.

Sendo assim, observamos que há uma comparação entre a “maldição” de Sísifo e o destino das mulheres (*semelhante é o destino das mulheres./ Sem que se diga “maldição”/ Refazem camas.*), como se as mulheres estivessem destinadas a sempre repetir a mesma tarefa, no caso, cuidar do lar (*refazem camas*). Portanto, as mulheres, neste poema, são vistas como aquelas que sempre devem está arrumando a casa, uma tarefa metódica e desgastante, como o trabalho de Sísifo.

Eu sou uma mulher

*Eu sou uma mulher
que sempre achou bonito
menstruar
Os homens vertem sangue
Por doença
Sangria
ou por punhal cravado,
rubra urgência
a estancar
trancar*

*no escuro emaranhado
das artérias.
Em nós
O sangue aflora
Como fonte
No côncavo do corpo
Olho d'água escarlata
Encharcado de cetim
Que escorre
Em fio
Nosso sangue se dá.*

*De mão beijada
Entrega-se ao tempo
como chuva ou vento.
O sangue masculino
tinge as armas
e o mar
empapa o chão
dos campos de batalha
respinga as bandeiras
mancha a história.
O nosso vai colhido
Em brancos panos
Escorre sobre as coxas
Benze o leito
Manso sangrar sem grito*

*Que anuncia
A ciranda da Fêmea.
Eu sou uma mulher
Que sempre achou bonito
Menstruar
Pois há um sangue
Que corre para a morte.
E o nosso
Que se entrega para a LUA.*

*(Marina Colasanti. In: Rota de
colisão, 1993)*

“*Eu sou uma mulher*” também é um poema da escritora Marina Colasanti e também envolve uma temática feminista. Neste caso, há uma “disputa” entre o sangue feminino e o sangue masculino, assim como no poema anterior, vemos aqui uma comparação. Em *Sem que se diga* a comparação está em Sísifo x Mulher e aqui a comparação está no sangue do homem x sangue da mulher, de modo que ao fazer essa comparação de forma metafórica, também vemos uma exaltação do eu lírico em ter esse sangue e em achar bonito menstruar.

No início, o *eu lírico* começa descrevendo como é o sangue dos homens (*Os homens vertem sangue/ Por doença/ Sangria/ ou por punhal cravado,*), estes versos nos dão a conotação de que o sangue do homem é impuro e ruim.

Diferentemente, o sangue da mulher é puro e bom, surge como vida (*Em nós/ O sangue aflora/ Como fonte*). O sangue do homem tem finalidade de morte, que denigre a imagem da história, remetendo as guerras entre nações (ou homens) que marcaram a história de forma triste (*O sangue masculino/ tinge as armas/ e o mar/ empapa o chão/ dos campos de batalha/ respinga as bandeiras/ mancha a história.*). Já o da mulher, remete a paz, pois é colhido em brancos panos (*O nosso vai colhido/ Em brancos panos*) e mais uma vez remete a vida (*Escorre sobre as coxas/ Benze o leito/ Manso sangrar sem grito/ Que anuncia/ A ciranda da fêmea*).

Com isso, percebemos que existe uma disputa criada pela mulher em relação ao homem, pelo fato dela tentar convencer que o seu sangue é superior ao masculino, o que pode ser percebido nos últimos versos (*Pois há um sangue/ Que corre para a morte./ E o nosso Que se entrega para a LUA.*)

Dentro desse contexto, podemos afirmar que Marina Colasanti procura discutir certos comportamentos sociais já internalizados, que vinham, há séculos, sugerindo um espaço secundário para a mulher em diversos âmbitos sociais.

Drumundana

*e agora maria?
o amor acabou
a filha casou
o filho mudou
teu homem foi pra vida
que tudo cria
a fantasia
que você sonhou
apagou
à luz do dia
e agora maria?
vai com as outras
vai viver
com a hipocondria*

(Alice Ruiz. In: Navalhanaliga, 1980)

“*Drumundana*” é um dos poemas de Alice Ruiz, que compõem o livro *Navalhanaliga* (1980). Esta autora começou a escrever na adolescência, mas durante muitos anos divulgou seus poemas apenas em revistas e jornais. Publicou seu primeiro livro aos 34 anos de idade. Foi casada com o também poeta Paulo Leminski e em 2009, recebeu o Prêmio Jabuti pelo livro *Dois em Um*.

Neste poema, logo de início, já percebemos pelo título que há uma intertextualidade com o poema de Drummond, que pode ser tomado como um dos efeitos mais irônicos que caracterizam esta poesia, no sentido que remete tanto ao nome do poeta *Carlos Drummond de Andrade* quanto ao sentido que apresenta a palavra *mundana*. Nessa espécie de paródia, a personagem feminina Maria se encontra em meio a situações bastante concretas, diferente do José (personagem do poema *E agora José?* de Drummond), e as indagações à Maria são de caráter mais objetivo, isto é, *a filha que casa, o filho que vai embora, o marido que a abandona*, que nas entrelinhas explicita a subjetividade de uma mulher que vive em função da família e agora vê sua realidade desmantelar-se.

Este poema expressa uma amargura vivida por esta mulher, que pode ser bem percebido pelo uso do ditado popular "*Maria vai com as outras*" e ao final do poema, a condenação a se viver com hipocondria.

Ser Mulher

*Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
para os gozos da vida; a liberdade e o amor;
tentar da glória a etérea e altívola escalada,
na eterna aspiração de um sonho superior...*

*Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
para poder, com ela, o infinito transpor;
sentir a vida triste, insípida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um senhor...*

*Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...*

*Ser mulher, e, oh! atroz, tantálica tristeza!
ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!*

(Gilka Machado, 1915)

Gilka Machado publicou seu primeiro livro de poesia, *Cristais Partidos*, em 1915. Em seguida teve várias outras publicações e em 1933, ela foi eleita "a maior poetisa do Brasil", por concurso da revista O Malho, do Rio de Janeiro. Foram lançadas, nas décadas seguintes, suas obras poéticas *Sublimação* (1938), *Meu Rosto* (1947), *Velha Poesia* (1968). Suas Poesias Completas foram editadas em 1978, com reedição em 1991. Poeta simbolista, Gilka Machado produziu versos considerados escandalosos no começo do século XX, por seu marcante erotismo. Para o crítico Péricles Eugênio da Silva Ramos, ela foi a maior figura feminina de nosso Simbolismo, em cuja ortodoxia se encaixa com seus dois livros capitais, *Cristais Partidos* e *Estados de Alma*.

Em seu poema *Ser mulher*, percebemos na primeira estrofe que *ser mulher* significa trazer na alma a luz talhada (recortada, como se fosse pela metade...) para com os gozos da vida, ou seja, a liberdade e o amor. É como se a mulher, por ser mulher, não pudesse ter direito a liberdade e ao amor e que tentasse por meio da glória que flui por não fazer parte (etérea) e que voa (altívola) essa escalada, na busca eterna de um sonho, e esse sonho é superior.

Na segunda estrofe, vemos o desejo da mulher em encontrar outra alma que seja pura e que possa com ela ter asas (alada) para se transpor ao infinito, no entanto, *ser mulher* significa “*sentir a vida triste insípida e isolada*”. No último verso “*buscar um companheiro e encontrar um senhor...*” o eu lírico feminino demonstra o desejo em ter alguém com um relacionamento de companheirismo, mas esse pensamento se quebra em “*encontrar um senhor*”, pois vemos aqui o forte significado da palavra *senhor*, retratando a inferioridade da mulher diante do homem, uma relação de submissão, na qual a busca pelo companheirismo é falho, pois a relação *homem/mulher* é vista como o primeiro sendo o *senhor*, ou seja, quando casada, liberta-se do pai, mas passa então a ser propriedade do marido, não tem voz, não faz suas leis, não impõe seus pensamentos.

Na terceira estrofe, o eu lírico procura “*calcular todo o infinito curto*”, ou seja, mais uma vez percebemos o quanto a mulher aqui é incapacitada de uma forma que até o infinito, o qual sabemos que pelo próprio nome já diz, não tem fim, para a mulher ela chega a ter fim no que diz respeito à expansão do desejo da mesma, sua liberdade é tirada na qual não pode ter uma ascensão diante de seus perfeitos ideais.

Na última estrofe, o *ser mulher* é uma tristeza tal que chega a ser cruel e tantálica, adjetivo de peso enorme, pois remeter este à mulher é lembrar do sofrimento de Tântalo, que foi o de querer beber e comer e não conseguir. Dando continuidade, o poema mostra a mulher de modo inerte como uma águia em pleno voo “*nos pesados grilhões dos preceitos sociais*”, aqui vemos que Gilka Machado trata da repressão externa imposta pelas várias instituições sociais, na qual a mulher sofre a carga repressiva de que as leis sempre foram feitas pelos homens. A mulher fica presa e deve ser imposta por essas leis sociais, formando todo o significado do que é *Ser mulher*, título do poema.

Nesse sentido, percebemos que nesse poema, o eu lírico se mostra consciente da sua situação de gênero que se constrói na base da antítese entre o desejo e a força da lei que interdita a sua execução. O uso das reticências frequente nas estrofes parece indicar, que mesmo sofrendo a repressão o desejo permanece.

Agora, iremos analisar o poema *Casamento* da autora Adélia Prado, a fim de contrapor ideias e representações do homem x mulher, vistos nos poemas analisados acima. Adélia é uma escritora, poetisa, filósofa e contista brasileira. Seus textos retratam o cotidiano com perplexidade e encanto, norteados pela fé cristã e permeados pelo aspecto lúdico, uma das características de seu estilo único. Em termos de literatura

brasileira, o surgimento da escritora representou a revalorização do feminino nas letras e da mulher como ser pensante, levando-se em conta que Adélia incorpora os papéis de intelectual e de mãe, esposa e dona de casa.

Casamento

*Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
Ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como "este foi difícil"
"prateou no ar dando rabanadas"
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.*

(Adélia Prado, 1991)

Neste poema, podemos perceber que a relação homem/mulher é diferente do poema *Ser mulher* por exemplo, estudado anteriormente, pois neste último vemos a inferioridade da mulher diante de sua vida, seja em sua liberdade, no amor, diante da sociedade e diante do homem, já em *Casamento* percebemos que existe uma relação de igualdade da mulher diante do homem, ou seja, homem e mulher estão no mesmo nível.

No início do poema, vemos a imagem daquelas mulheres que dizem não ajudar os homens “*Há mulheres que dizem/Meu marido, se quiser pescar, pesque,/mas que limpe os peixes.*”, parecem traduzir uma reação contra o trabalho doméstico, demonstrando uma manifestação de rebeldia libertadora. Em seguida, temos “*Eu não. A qualquer hora da noite me levanto /Ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.*” que já demonstra uma posição contrária do eu lírico em relação às outras mulheres, na qual ela ajuda seu companheiro, como um gesto de escolha, não sendo um gesto desempenhado solitariamente pela mulher, como se fosse sua específica função e obrigação, mas pela cumplicidade vivenciada pelos dois amantes: “*É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,/ de vez em quando os cotovelos esbarram*”, aqui o eu lírico ressalta o quanto é bom estar à sós na cozinha com o marido, o que nos faz remeter à coisa tão simples que são deixadas de lado na relação de muitos casais.

Diante de todo trabalho realizado pelos dois, rola o silêncio, o qual é comparado pelo mesmo silêncio de quando se conheceram "*O silêncio de quando nos vimos a primeira vez/atravessa a cozinha como um rio profundo.*" Por fim, "*Coisas prateadas espocam/ Somos noivo e noiva*" o eu lírico demonstra sua relação de companheirismo, afirmando serem noivos.

Enfim, em poucas e riquíssimas palavras, Adélia Prado demonstra o quanto vale a pena doar-se para ter grandes prazeres nos simples momentos cotidianos. Momentos considerados enfadonhos para alguns, tornam-se intensos para este eu lírico feminino. Ela sabe o valor de se compartilhar a limpeza de peixes com o marido. É a divisão de momentos, o companheirismo, a troca, sem qualquer indício de vaidade, de orgulho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, neste trabalho, apresentar através de poemas de diversas autoras femininas, como se dá a relação homem x mulher. O advento da sociedade patriarcal influenciou na literatura, fazendo com que com diversas mulheres (Virgínia Woolf, Simone de Beauvoir, Kate Millet) estudassem literatura voltada para o mundo feminino, consolidando então a *Crítica Feminista*, que, como vimos, é uma corrente literária que se constitui como um modelo conceitual de questionamento da cultura dominante, mas também uma prática de leitura e análise da produção da autoria feminina.

Nesse sentido, autoras tratam tal temática sobre um enfoque biológico, como vimos no poema *Eu sou uma mulher*, que faz a comparação do sangue do homem x sangue da mulher, bem como trazem aspectos da mitologia grega (*Sem que se diga*) e aspectos sociais (*Ser mulher/ Drumundana*).

Apesar de vários eu líricos estudados aqui abordarem a mulher como submissa, com uma situação inferior, há também uma visão de situação igualitária entre os sexos, ou, até mesmo, uma valorização do feminino, como vimos no poema *Casamento*, provando que a mulher e homem têm condições iguais e que nenhum se sobrepõe ao outro.

Dessa forma, observamos que a *Crítica Feminista* lê a literatura, calcado nos pressupostos teóricos do feminismo, constituindo-se a partir de contradições socioculturais que fazem emergir a relação entre sexo e gênero.

Assim, ao fazer as análises desses poemas, procuramos discutir a situação feminina na literatura e na sociedade. Acreditamos que essa discussão é de grande valia para a tentativa de desenraizar preconceitos que há séculos estão presentes na sociedade.

Nesse sentido, a *Crítica Feminista* é fundamental, pois propõe uma nova leitura de obras literárias, independentemente da autoria, considerando o ponto de vista feminino. Essas novas leituras podem contribuir, de maneira significativa, para a escrita de uma nova história da literatura, utilizando como signo maior os estudos de gênero.

Então, concordando com Nely Noves Coelho (1993, p.12) “a grande mudança que nosso século trouxe para a vida da mulher foi fator determinante para o surgimento e expansão de uma literatura feminina que, em qualidade, está no mesmo nível daquela produzida pelos homens”.

REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993, p. 11-26.

MACHADO, Gilka. *Ser mulher*. In: Poesias completas. Apres. Eros Volúcia Machado. Rio de Janeiro: L. Christiano: FUNARJ, 1991, p. 106

PRADO, Adélia. *Casamento* In: Poesia Reunida. Ed. Siciliano - São Paulo, 1991, pág. 252.

ZOLIN, Thomas. *Crítica Feminista*. In: BONNUICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Crítica Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Ed. 3. Maringá: Nova Fronteira, 2009.